



ROTA DO
ROMÂNICO

I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ROTA DO ROMÂNICO



28 | 29 | 30 SETEMBRO 2011

COMUNICAÇÕES

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Rota do Românico

EDIÇÃO

Centro de Estudos do Românico e do Território

COORDENAÇÃO GERAL

Rosário Correia Machado | Rota do Românico

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Gabinete de Planeamento e Comunicação | Rota do Românico

DESIGN E PAGINAÇÃO

Furtacores - Design e Comunicação

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM

800

EDIÇÃO

Julho de 2012

ISBN

978-989-97769-1-3

DEPÓSITO LEGAL

347 128/12

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

© Rota do Românico

Centro de Estudos do Românico e do Território

Praça D. António Meireles, 45

4620-130 Lousada

T. +351 255 810 706

F. +351 255 810 709

rotadoromanico@valsousa.pt

www.rotadoromanico.com

PAINEL I O Congresso no Contexto do Património

O Românico. Do Fenómeno Europeu às Regiões do Vale do Sousa e Baixo Tâmega

LÚCIA ROSAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

Em Portugal a arquitetura românica surge nos finais do século XI, no âmbito de um fenómeno mais vasto de europeização da cultura peninsular. Foi o fator religioso, mais do que qualquer outro, que contribuiu para a europeização e difusão dos elementos que permitem definir o conceito de românico.

À medida que se expande, o românico português regionaliza-se, miscigenando-se com soluções construtivas e técnicas locais preexistentes, criando uma variedade de soluções muito própria e muito regionalizada. São disso exemplo as construções românicas dos vales do Sousa e do Baixo Tâmega.

Em Portugal a arquitetura românica surge nos finais do século XI, no âmbito de um fenómeno mais vasto de europeização da cultura peninsular. A reforma monástica cluniacense, a liturgia romana e o estabelecimento das ordens religiosas de Cluny (c. 1086-96), de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (c. 1131), de Cister (c. 1144), e das Ordens Militares do Templo (c. 1128) e do Hospital (c. 1112-1130) são os motores mais importantes daquele fenómeno. Foi o fator religioso, mais do que qualquer outro, que contribuiu para a europeização e difusão dos elementos que permitem definir o conceito de românico, embora haja muitas construções de caráter civil e militar que bem significam o modo românico de construir.

A liturgia romana apresentava aspetos mais teatrais do que a liturgia moçárabe e, por isso, requeria espaços mais amplos e abertos. No entanto, esta diferenciação não significa que a igreja românica se apresente como um espaço diáfano, sem barreiras visuais entre as várias partes da igreja.

A forma de construir e de esculpir à maneira românica teve origem em França. No processo histórico da

constituição do Condado Portucalense e da formação de Portugal foram várias as comunidades de monges, principalmente da Ordem de São Bento, que se estabeleceram no território do Entre-Douro-e-Minho. A chegada destas comunidades foi muito favorecida pelos condes portucalenses e pelos primeiros reis com o objetivo de criar condições para a fixação das populações, a organização do território e o seu aproveitamento agro-pastoril.

É legítimo afirmar que uma boa parte das construções românicas mais eruditas corresponde ao reinado de D. Afonso Henriques (1143-1185). Por razões de ordem estratégica, a reconquista e a organização do território, foi no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e nas Sés de Coimbra e Lisboa onde melhor se fez sentir a abertura às experiências europeizantes do tempo.

Contudo, a arquitetura românica portuguesa apresenta, de um modo geral, soluções relativamente simples. A maioria das igrejas é constituída por uma nave única e uma cabeceira, ambas cobertas por tetos de madeira. No entanto, há vários exemplares que mostram uma cabeceira coberta por abóbada de pedra, tendo a nave cobertura de madeira em duas águas. São exemplos deste tipo as Igrejas de São Pedro de Abração (Penafiel), de Santo André de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses), de São Pedro de Roriz (Santo Tirso), de São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira), de São Cristóvão de Rio Mau (Vila do Conde), de São Salvador de Fontarcada (Póvoa de Lanhoso) e de Sanfins de Friestas (Valença), entre outros.

No entanto, apesar de os programas arquitetónicos adotarem, geralmente, soluções pouco variadas, a escultura românica mostra soluções muito diversas no território português abrangido pelo Entre-Douro-e-Minho, as Beiras e Trás-os-Montes. Uma vez que as equipas itineravam, os mesmos modelos eram utilizados em diversas igrejas ou mesmo em distintas regiões. Há, contudo, construções românicas onde são visíveis, numa mesma igreja, modelos de diversa proveniência, ou porque aí

trabalharam diversos mestres ou porque os mestres se formaram e adquiriram modelos em diferentes estaleiros de obras. A escultura românica portuguesa desenvolve-se, principalmente, no quadro da arquitetura, tal como sucede no românico europeu. Embora haja produção de escultura de vulto nesta época, uma das originalidades que melhor caracterizam a arte românica é precisamente a aplicação da escultura às peças da arquitetura.

Na igreja românica a escultura concentra-se, exteriormente, nos portais, nas aberturas de iluminação, com especial relevo para a fresta ou frestas da cabeceira, nos cachorros, que, por norma, sustentam as cornijas, e nos capitéis e bases de colunas. No interior é igualmente nos capitéis, com especial relevo para os capitéis do arco triunfal, que se adensa a escultura, mas igualmente nas bases, que no românico português tendem a receber escultura vegetalista, geométrica e figurativa.

Entre os séculos V e X a escultura da figura humana quase desapareceu, uma vez que era muito conotada com a idolatria e o paganismo. Será muito lentamente que reaparece no Ocidente medieval, em lugares de peregrinação, como invólucro de relíquias, ou nos inícios do século XI, já em peças da arquitetura como capitéis e molduras de vãos.

A escultura românica nasceu e desenvolveu-se no quadro das peças da arquitetura, constituindo-se este processo como uma das mais importantes novidades do estilo. Ela é uma escultura arquitetónica, não somente porque é feita na arquitetura, mas, e fundamentalmente, porque a esta se adapta, subordinando os seus motivos aos espaços que tem para ocupar. É por esta razão que os personagens se apresentam muitas vezes em posições acrobáticas, que a figura humana se alonga ou se aperta, e que os animais adquirem diversas formas, de acordo com o campo em que estão esculpidos.

A adaptação da escultura à arquitetura na época românica é um dos fatores que contribuíram para o seu caráter singular, porque o processo de esculpir favorece

a distorção da figura. Mas há outros fatores não menos poderosos, como as motivações sacras e simbólicas. O portal ocidental das igrejas – por norma orientadas canonicamente, ou seja, tendo a cabeceira voltada a oriente e logo a fachada principal a ocidente – era concebido como *Porta do Céu* ou como *Pórtico da Glória*. A vontade de proteger, simbolicamente, a entrada da igreja é que terá conduzido à representação de figuras ou programas sagrados, à inclusão de escultura como a de animais assustadores ou possantes e a motivos como cruzeiros e rodas solares, capazes de defender a igreja.

À medida que se expande, o românico português regionaliza-se, miscigenando-se com soluções construtivas e técnicas locais preexistentes, criando uma variedade de soluções muito própria e muito regionalizada. São disso exemplo as construções românicas dos vales do Sousa e do Baixo Tâmega.

As regiões do Vale do Sousa e do Baixo Tâmega têm uma rede muito densa de igrejas paroquiais e de mosteiros cuja fundação remonta aos séculos X, XI ou ao início do século XII, como é o caso dos Mosteiros do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel), de São Pedro de Cête (Paredes), de Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras), do Salvador de Travanca (Amarante), do Salvador de Freixo de Baixo (Amarante), de Santo André de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses) e das Igrejas do Salvador de Aveleda (Lousada) e de São Miguel de Entre-os-Rios (Penafiel).

Contudo, estas igrejas, tal como hoje as vemos, não correspondem a épocas tão recuadas. Na segunda metade do século XII e ao longo do século XIII foram alvo de reformas e de novos programas arquitetónicos que adotaram o estilo românico chegado a Portugal entre o final do século XI e os inícios do século XII. Quando os templos foram reformados nos séculos XII e XIII, como acima foi referido, à maneira românica, as construções preexistentes serviram de inspiração, sendo retomadas algumas das suas características, principalmente no

que diz respeito às técnicas e modelos utilizados na escultura e à forma de a distribuir no templo.

A Igreja do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa tem sido considerada como um monumento assaz importante para a compreensão da arquitetura românica destas regiões, que receberam influências construtivas e decorativas características da arquitetura pré-românica. O templo apresenta um modo muito próprio de decorar, tanto pelos temas que utiliza como pelas técnicas empregues na escultura. Esta escultura, típica das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega, utiliza colunas prismáticas

nos portais e bases bolbiformes, emprega padrões decorativos vegetalistas talhados a bisel, cujo corte é feito em oblíqua, e desenvolve longos frisos no interior e no exterior das igrejas, à maneira da arquitetura pré-românica das épocas visigótica e moçárabe.

Paço de Sousa foi, neste contexto, um edifício-padrão onde as tradições locais e as influências do românico de Coimbra e do Porto se cruzaram, padronizando o tipo de *românico nacionalizado* das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega.